

## ENTREVISTA

Joseph Stiglitz, ganhador do Prêmio Nobel de Economia

# 'Temos governos que não acreditam em ciência'

Para economista, crise causada pelo coronavírus explicita a postura desastrosa de líderes como Trump e Bolsonaro

Breno Pires / BRASILIA

O economista Joseph Stiglitz avalia que líderes que emergiram da negociação da política mostram-se, nesta pandemia do coronavírus, oportunistas e focados em seus projetos eleitorais, com posturas hesitantes que terão consequências desastrosas. Prêmio Nobel de Economia em 2001, ele critica a atuação do americano Donald Trump e do brasileiro Jair Bolsonaro para defender um novo contrato entre o mercado, o Estado e a sociedade civil. Em entrevista ao Estado, o professor da Universidade Columbia afirma que a atual crise destaca a importância de um equilíbrio da economia e da ciência, que precisa pautar os governos. "É notável a rapidez com que conseguimos analisar o vírus e descobrir de onde ele veio, desenvolvendo o teste. E toda a ciência é baseada em apoio governamental", observa. "No Brasil e nos Estados Unidos, temos governos que não acreditam em ciência e estamos vendo as consequências". As avaliações de Stiglitz também serão detalhadas num livro que o economista lançará em setembro no Brasil: *People, Power and Profit* (Pessoas, Poder e Lucro, numa tradução literal - ainda não tem título em português).

● Existe um dilema entre salvar

## a economia e salvar vidas?

O fato é que, se você não salvar as pessoas, a economia será devastada. Pessoas não irão ao restaurante, ficarão nervosas quanto a ir ao trabalho, não irão votar por aí, haverá medo no ar. Basicamente, a economia se encaminhará para a paralisação se não pararmos a pandemia. Por isso, é uma boa decisão colocar a prioridade nas pessoas e controlar a pandemia. Fizemos isso nos EUA depois de pressão dos democratas e para criar as condições para ressuscitar a economia quando a pandemia estiver sob controle. Mas ainda há barcos.

● O sr. costuma afirmar que a economia capturou a política. É possível que líderes que emergiram da negociação da política, como Trump e Bolsonaro, de alguma forma tenham terminado sendo representantes ideais das grandes corporações?

Em primeiro lugar, pessoas como Trump são interessadas na sua própria reeleição, no seu próprio poder, e isso torna difícil descobrir o que de fato apoiam. Não apoiam nada. Não há um princípio conservador. Não há princípios. Trump ganhou apoio da grande indústria, então, não surpreende que eles não possam resolver o problema da oferta, da falta de máscaras, de equipamento de proteção e de ventiladores. É a falta de testes - de responsabilidade do governo federal, que não faz seu papel. Falou fazeremos testes por semanas a fio e resultado, francamente, é que existe sangue nas mãos de Trump. As pessoas estão morrendo por causa da sua inação.



Alerta. Para o economista Joseph Stiglitz, futuro do Brasil está sendo colocado em risco

de o avanço da doença está tão grave é porque não fizemos nada por muito tempo.

● Qual é a consequência desse comportamento de Trump em relação às políticas para conter o coronavírus?

As consequências, francamente, são desastrosas. E seriam piores se não fosse o fato de termos uma burocracia tão dedicada. Instituições como o nosso Centro para Controle de Doenças, que são muito profissionais, médicos, que de alguma maneira nos salvaram. Também fomos salvos pela intervenção de governadores, mas eles não podem resolver o problema da oferta, da falta de máscaras, de equipamento de proteção e de ventiladores. É a falta de testes - de responsabilidade do governo federal, que não faz seu papel. Falou fazeremos testes por semanas a fio e resultado, francamente, é que existe sangue nas mãos de Trump. As pessoas estão morrendo por causa da sua inação.

● O sr. inclui Jair Bolsonaro na

mesma posição que Trump? Não tenho seguido os detalhes do que está acontecendo no Brasil, mas penso que o País poderia estar em situação pior se não tivesse uma burocracia dedicada, médicos dedicados.

● Nesse ponto, o sr. vê semelhança entre o Brasil e EUA? Nós temos sido salvos pelas nossas instituições.

● No Brasil, o presidente se coloca contra orientações do próprio Ministério da Saúde, foi a um manifesto de ruas e criticou fechamento de escolas e templos.

Essas ações são custosas em muitos aspectos. De uma maneira mais ampla, é muito difícil para indivíduos manter distância, pessoas querem interagir, então é essencial dizer às pessoas que é perigoso se aproximar de outras pessoas para impedir a propagação da doença. É para isso que precisamos de liderança. E nós não temos essa liderança (nos EUA). E vocês (no Brasil) têm a liderança ainda pior.

● Qual a importância do financiamento estatal de despesas nesse momento?

Crucial. A única forma de evitar o colapso do sistema é o dinheiro governamental. Para conter a pandemia, a saúde é o mais importante e isso tem de ser priorizado em termos de orçamento. A grande diferença em relação aos mercados emergentes é que nos EUA não nos

perguntamos se podemos bancar isso. Ampliamos o déficit de US\$ 1 trilhão, 5% do produto interno bruto, em US\$ 2 trilhões, 15%. Podemos explorar o orçamento sem nos importarmos com isso. A maioria dos países em desenvolvimento não pode.

● E quanto isso atrapalha a tomada de medidas emergenciais pelo Brasil?

Bastante. E certamente exige uma "repriorização", pelo menos temporária. Talvez exija um corte temporário em partes das pensões, com uma renda mais alta. Um aumento temporário nos impostos de pessoas com maior renda. Vai ser necessário estabelecer novas prioridades pelo menos neste ano e provavelmente para os próximos dois anos. O Brasil e outros países vão sofrer restrições orçamentárias, então precisamos levantar dinheiro. A comunidade internacional deveria fornecer mais apoio a países em desenvolvimento e aos mercados emergentes.

● O sr. vai lançar seu próximo livro em setembro no Brasil. O que o País, que tem vivido instabilidade na política e na economia ao longo da década, pode aprender com seu livro?

Primeiro, deixe-me tentar fazer uma conexão entre o que vai acontecer e o livro. Isso é relevante para o Brasil, é relevante para os EUA. O livro apresenta dois pontos muito relevantes: que precisamos de

um novo contrato social, um novo equilíbrio entre o mercado, o Estado e a sociedade civil. Nós nos voltamos para o governo quando temos uma crise. O mercado não avaliou adequadamente os riscos, não lidou adequadamente com os riscos de uma pandemia, com o risco de mudanças climáticas, todos os riscos sociais. Isso destaca o papel central do governo em nosso bem-estar. E, quando nos escassejamos, como temos nos EUA, de máscaras, ventiladores e testes, é um fracasso do mercado. Precisamos da intervenção do governo e, quando ele não interveio, nós sofremos. A realidade é que confiamos demais no setor privado e, em países como os EUA, onde o governo não funcionou, estamos vendo as taxas de mortes. Em países como a Coreia do Sul, onde o governo fez seu trabalho, a pandemia foi controlada rapidamente. Isso mostra o papel crítico do governo. A segunda parte é o papel da ciência. E notável a rapidez com que conseguimos analisar o vírus e descobrir de onde ele veio, desenvolvendo o teste. E toda a ciência é baseada em apoio governamental. Esse é outro exemplo da importância do governo. E no Brasil e nos EUA, temos governos que não acreditam em ciência. E nós vemos as consequências.

● O sr. afirma que o conceito de capitalismo progressista que defende é mais importante que o conceito de bem-estar dos países? Sim. O mundo do século XXI é um em que o governo terá de assumir um papel maior do que no passado - a razão pela qual eu defendo um capitalismo progressista. Quero enfatizar que os mercados ainda serão importantes. Mas não podem ser os mercados irrestritos do neoliberalismo. A desigualdade cresceu. E é por isso que nossa política ficou tão feia. O Brasil tem os mesmos problemas. Vocês progrediram na redução da desigualdade, fornecendo educação, em governos de centro-esquerda e de centro-direita, com Fernando Henrique Cardoso e Lula. Mostraram que poderiam crescer com prosperidade compartilhada e diminuir a desigualdade. Mas Bolsonaro está indo na direção oposta a isso significa que a proteção do meio ambiente será pior, e você estará exposto a mais doenças, e a educação será prejudicada. O futuro do Brasil está sendo colocado em risco. Eu escrevi minha mensagem em parte em resposta ao dano que Trump está causando aos EUA. Precisamos dessa visão como uma alternativa à destruição de Trump: mais democracia, economia e sociedade. Mas essa mensagem só ainda mais relevantes para o caso do Brasil.

## MERCADO IMOBILIÁRIO

Desaja saber qual o Melhor e Melhor Aproveitamento para seu terreno ou lote?

Contrate uma de nossas opções de estudos e identifique as melhores oportunidades de ocupação, com dimensionamento da oferta/demanda e retorno de seu investimento.

Solicite um orçamento sem compromisso!

embraesp.com.br estado@embraesp.com.br

(11) 3665-1590  
 (11) 99913-5823  
 (11) 99524-5822

